



Editorial

Chegamos ao último *Dobradiça* desta gestão. Temos neste número preciosas reflexões sobre o lugar do cartel na Escola de Lacan, suas consequências para a comunidade e no um a um quando este dispositivo sem põe em prática da boa forma. O leitor poderá captar o vivo do cartel em funcionamento tanto nos textos aqui publicados quanto nas notícias sobres as jornadas.

A aposta no cartel como um dos pontos que faz da nossa comunidade um coletivo que preza pela transferência de trabalho sob a forma de um saber fazer com o efeito de grupo parece ser clara no trabalho aqui depositado.

Assim, os deixamos com a leitura para que ela os entusiasme nessa aposta que se mostra consoante com a psicanálise como reinventada por Jacques Lacan.

Paola Salinas
Comissão dos Cartéis da EBP

Giro do Cartel na AMP

Nesta rubrica dedicada a questões acerca da atualidade da experiência de cartéis nas Escolas da AMP, apresentamos a resposta enviada por Ondina Maria Rodrigues Machado, Diretora Secretária da Escola Brasileira de Psicanálise, à seguinte questão: *Quais seriam os pontos críticos da atividade de cartéis na sua Escola, hoje?*

O cartel e os membros de Escola

Ondina Maria Rodrigues Machado

Alguns dados colhidos durante o primeiro ano da minha gestão como diretora secretária da EBP, responsável, dentre outras coisas, pelos cartéis, fizeram com que me questionasse sobre a função dos cartéis para os membros da Escola.

A função do cartel como porta de entrada na nossa Escola está bem definida e desenvolvida. Temos um grande contingente de pessoas, sem vínculo formal com a instituição, que buscam os cartéis para dar início à sua formação, sendo, para alguns, o primeiro contato com os textos de Lacan. Mas gostaria de pensar o cartel como um modo de trabalho que sustenta a Escola pela formação continuada de seus membros.

Não há psicanálise sem transferência. O ensino de Lacan corrobora e radicaliza essa máxima. Não foi outro o motivo que o levou, por toda vida, a promover e desenvolver seu ensino dentro de instituições. A princípio ligado à IPA, mas tão logo dela saiu excomungado, fundou outra instituição a qual denominou Escola. Ele nunca esteve fora de uma, mesmo quando, por um motivo ou outro, dissolvia sua Escola, já fundava outra. Sempre só, mas não sem os outros. Este apreço está diretamente ligado à importância que dava à transferência, como demonstra o *Ato de fundação* de 1964. Tanto na relação analítica propriamente dita, que se sustentava pelo sujeito suposto saber, quanto nos

pequenos grupos, chamados cartéis, nos quais a sustentação não supunha um sujeito suposto saber, mesmo assim, sempre em transferência. Analítica ou de trabalho, positiva ou negativa, é sempre em transferência que se faz psicanálise. A Escola é o lugar para onde convergem as transferências, mesmo aquelas que tiveram seu desfecho clínico e levaram o analisando ao ponto mais próximo da dessuposição de um saber ao Outro. Ainda assim, algo de uma transferência residual persiste de tal modo que esse sujeito se dirige à Escola e demanda o passe.

Portanto, pode-se afirmar que estar na Escola é estar em transferência, pois sem ela a Escola perde seu sentido e pode ser substituída por qualquer outro espaço social.

É a transferência analítica que provoca o trabalho de análise. Não seria, então, a transferência de trabalho que provocaria uma formação sempre em curso? Onde se aloja, na Escola, o trabalho de renovação constante da formação dos analistas?

O cartel, já definido como lugar de aproximação com a instituição e com o ensino de Lacan, é também onde se executa o trabalho da Escola, tanto para os membros quando para os não membros. Aos primeiros, não deve estar reservado apenas o lugar de mais-um, mesmo supondo que a experiência de análise os credencie para tal. Como cartelizantes, podem dar curso às suas formações, reciclar os resíduos transferenciais e reutilizá-los em novas e singulares produções, mantendo vivo o seu laço com a Escola.

Textos de Orientação

Seminário RSI - aula de 15 de abril de 1975

Lacan, em seu Seminário RSI, na parte final da aula de 15/04/1975, retoma a indicação que fizera acerca do cartel e interroga: “Por que eu formulei que um cartel parte de 3 e mais uma pessoa, o que em princípio soma 4, e por que eu coloquei como máximo 5, graças ao qual isto faz 6? Isto quer dizer que há três deles que deveriam encarnar o simbólico, o imaginário e o real? A questão poderia se colocar [...]”.

Encontramos, nesta passagem do Seminário RSI, uma tentativa de Lacan de aproximar o cartel ao principal instrumento de formalização neste momento de seu ensino, ou seja, o nó borromeano. E, ainda, podemos acompanhar Lacan construindo uma função muito precisa que estaria reservada justamente ao mais-um.

Neste contexto do Seminário RSI, trata-se de localizar o buraco no próprio nó borromeano e de que maneira ele, o buraco, pode anodar três consistências. Lacan, após esta provocação acerca de uma possível equivalência entre os membros do cartel e os três registros - tal como entendemos na citação acima extraída da aula de 15/04/1975 -, reporta-se ao conceito freudiano de identificação ao grupo, enfatizando que é certo que tal identificação exista entre os seres humanos - o ponto de partida, para Lacan, é que todo “nó social” se constitui pela não-relação sexual como buraco. E o interesse nesta sua formulação recai no fato de que a consistência que se pode obter pela amarração borromeana (não sem o buraco) poderia ser articulada, parece-me, a estes fenômenos de identificação ao grupo, tal como proposto por Freud. E por que? Porque ao utilizar três registros no nó borromeano há o risco de estes três registros tornarem-se simétricos (equivalentes) e homogêneos. Neste sentido, há a necessidade de ser encontrar um modo, ou um recurso, para que a diferença seja introduzida - daí Lacan recorrer ao quarto elemento para esta função. Qual a particularidade deste quarto elemento? Justamente o de introduzir uma dissimetria. E este elemento, no cartel, este quarto elemento será o mais-um: que terá função de dar uma “amarração”, ao modo borromeano, ao cartel, mas ao mesmo tempo terá a função de introduzir a diferença.

Importante ressaltar que esta aula ocorreu após a participação de Lacan na Jornada de Cartéis da ECF, realizada dias 12 e 13 de abril de 1975. As intervenções de Lacan nesta

Jornada encontram-se publicadas, como indicamos abaixo, e foram comentadas por Elza Marques Lisboa no *Dobradiça número 03*. Vale a pena realizar uma leitura conjunta destas duas referências de Lacan acerca do cartel e mais precisamente da função do mais-um.

Heloisa Prado R. da Silva Telles
Comissão dos Cartéis da EBP

Lacan. J. Seminário RSI - inédito (1974-1975).

Journées de l'Ecole Freudienne de Paris des 12 et 13 avril 1975. Transcription des Journées d'étude sur les cartels, avec les interventions de Jacques Lacan. Publié à l'origine dans *Lettres de l'Ecole freudienne de Paris*, 18, 1976. Disponível em: <http://www.causefreudienne.net/etudier/cartels/journees-de-l-ecole-freudienne-a-paris>.

4+1 = EBP em cartéis

Mais-um

*Silvia Emilia Espósito**

O primeiro cartel em que participei como cartelizante colocou um enigma para mim. Até hoje, um fato volta inesquecível, o qual poderia resumir com a expressão “e daí”? Por que será que o mais-um lia, sentado perto da janela, separado do grupo, mudo? Ponto de origem truncado pela renúncia do mais-um no acontecer do cartel e que leva a me perguntar sobre a função do mais-um. Uma pergunta que é causa desta reflexão a partir da provocação do convite para escrever sobre minha experiência como mais-um.

Nas nossas discussões iniciais, quando éramos Delegação Geral, as dúvidas sobre a função do mais-um contornavam duas perguntas: se o mais-um também era convocado a escrever sobre o tema do cartel ou se teria que escrever sobre a experiência do cartel. Outra interrogação, não menos importante, dizia do laço entre os psicanalistas e a transmissão na Escola. Das inúmeras possibilidades que a obra de Lacan permite recortar, destacarei algumas.

Em 1964, Lacan funda a Escola Freudiana de Paris (EFP)¹ e no ato propõe o cartel, como assinala Miller², com a dupla tarefa de lidar com a ruptura com a IPA e tratar, de modo diferente do de Freud, o efeito de grupo. Nesse sentido, poder-se-ia rastrear de que maneira a construção do dispositivo cartel é solidário com a construção da Escola. Um dado não menor é o fato de Lacan propor, em 1967, o dispositivo do Passe.

É quase impossível não fazer referência ao livro *O cartel*³, publicado em 1994, que já é um clássico na orientação lacaniana. Miller, na sua intervenção, delimita o cartel na lógica dos quatro discursos do *Seminário 17: O avesso da psicanálise*. Seminário em que Lacan encontra uma forma de situar o gozo no que ele define como *discurso sem palavras*. Porém, a articulação proposta por Miller visa pensar o saber e seus impasses, e inventa novos conceitos para os 4 lugares: provocação, elaboração, evocação, produção. O conceito provocação, disse Miller, é uma resposta à problemática que surgiu na instalação do discurso capitalista. A venda da força de trabalho, com sua renúncia ao gozo, produz o não querer saber que se articula à vocação para a preguiça. A provocação, nesse sentido, tem a função que Miller isola como significante, que a psicanálise pode aportar com o objetivo de trocar a paixão pela ignorância em ignorância produtiva. Forma exemplar de Miller ler os 4 discursos no seguimento do que se poderia chamar de pecado original que organiza o pensamento de Lacan ao redor do significante ruptura.

Podemos encontrar o antecedente desta formalização no *Seminário 16: De um Outro ao outro* (1968)⁴. Inicialmente, Lacan se pergunta como conduzir uma análise se “Não há universo do discurso”, razão que justifica o esforço em criar os 4 discursos sem palavras. O raciocínio é o seguinte: se o significante não significa a si próprio, a cada repetição se

produzirá uma perda na identidade do sujeito, que Lacan chamará de objeto *a*. Mas, a repetição, desde Freud, implica gozo e por conseqüência a união de ambas significará também, perda de gozo. O passo seguinte de Lacan é interrogar a relação entre saber e gozo no processo de cura. Para isso, vai buscar em Freud o conceito de repressão originária que Lacan nomeia *saber*, mas um saber fora do alcance do sujeito, pois é o Outro que está no seu lugar. A questão, então, é se o significante *saber* se sabe a si mesmo ou é uma estrutura aberta. A teoria dos conjuntos permite a Lacan introduzir a diferença e a repetição no jogo entre cada par de significantes e confirmar que o sujeito, sendo determinado pela cadeia significante, não pode garantir seu lugar nela. Quebra, desse modo, a lógica de um significante com outro significante e passa a considerar a diferença como outro significante - lugar do sujeito. Daí que Lacan deduza que dado o movimento de diferença e repetição é que se supõe a repressão (o Outro) e o objeto, mas só depois.

Do mesmo modo, transforma a proibição de saber sobre a sexualidade de Freud em *não existe a relação sexual*. Destino marcado no caminho da destituição do Outro, na releitura da proibição e da repressão freudiana.

Deste modo, no desejo de tornar a psicanálise uma ciência e enveredar pela escrita formal, Lacan chega a conclusão de que toda formalização leva a acolher simultaneamente o resíduo, a inconsistência.

O dispositivo cartel não poderia estar alheio a essas conclusões.

Se o sujeito se situa na diferença, ou seja, entre significantes, ir além de Freud significa ir além do ideal obturador e além da falta do Outro para fisgar o momento original do não saber. Assim, pode-se concluir, então, que na medida em que o saber não é só um exercício cognitivo, cito Lacan “[...] é impossível fazer grupo para os analistas [...] eles são eruditos de um saber do qual não podem conversar”. Há algo que não se pode comunicar e que segundo a fórmula de Lacan se traduz por *não há inter-subjetividade*. A própria análise também percorre a via da impossibilidade, mas o saber que se espera neste caso é limitado ao particular.

O desafio do trabalho em cartel é, como vemos, articular o saber ao novo e ao impossível. Miller, anos depois da famosa provocação, responde esta questão com uma frase: *ouse saber*. O acento, neste caso, não passa só pelo apelo ao mais-um, mas também ao próprio cartelizante na sua dupla relação com a hipermodernidade e os estragos que promovem “Os sonhos da razão” e com o laço com o grupo e a posição subjetiva que se espera com relação à ignorância. Noutra referência, em igual sentido, Lacan recomenda a necessidade de separar-se da causa do horror de saber.

Duas afirmações que mostram a paradoxal relação com saber no seio do cartel. Entre o ousar saber e o horror ao saber existe uma tensão entre o “um por um” do grupo e o coletivo. Mauricio Tarrab⁵ articula o poder saber com a elaboração, na acepção freudiana de impasse, de trabalho sobre o que resiste, sobre o gozo e conclui que se pode saber, mas não sem outros.

O cartel na sua dinâmica não só tem relação com o coletivo do grupo, mas também com o coletivo da Escola e permite a articulação entre a solidão do analista e a Escola cuja tarefa é a transmissão. Resumidamente se pode dizer com Tarrab que “[...] entre a possível elaboração coletiva e a particularidade da enunciação de cada um se avança um pouquinho no saber à custa da ignorância”. Cabe ao mais-um a dupla tarefa de cuidar do trabalho de cada um e pensar, por sua conta, com os outros como membro do cartel. Visto que o cartel é uma aposta, cabe citar uma recomendação de Lacan no seminário RSI: “O que desejo é que? A identificação ao grupo, porque é certo que os seres humanos se identificam a um grupo, e quando não se identificam são doidos, é para trancá-los. Mas não digo por isso a que ponto do grupo tem que se identificar”⁶.

Em resposta ao enigma de Lacan, Tarrab arrisca: “identificado [...] no ponto em que igual que os outros sei de minha incompletude pelo real. Ao ponto onde com os outros não estou senão no esforço por subjetivar esse real. Ao ponto em que reconhecemos nossa

condição de prisioneiros. Quando na borda do buraco do não saber, se adverte que não é sem outros que tenho uma chance.”

Para finalizar vou escolher algumas afirmações de Miller do texto “El cartel en el mundo” (8/10/1994)⁷. Um dado que não sabia sobre a origem dos grupos pequenos é que simultaneamente à criação da Escola Freudiana de Paris (EFP), antes de maio de 1968, havia grupos pequenos na Sorbonne, por iniciativa dos alunos de Letras, especialmente o seu sindicato. Eles promoviam os grupos de trabalho universitários na base da igualdade, sem professores, ou poucos, forma de crítica aos cursos magistrais que, segundo define Miller, eram considerados reacionários.

Uma definição: dizer que todo grupo precisa de um líder é abonar a lógica do macho, na fórmula da sexuação. Diversamente, o passe afirma a fórmula da sexuação feminina. Miller conclui que a saída ao impasse é reduzir o líder ao mínimo, fazer dele uma função. Trabalho difícil para o mais-um: incitar ao trabalho sem acreditar que é por ele; saber deslocar a transferência de trabalho para outro lugar - Freud-Lacan; saber que como mais-um “se se junta ao cartel é para descompletá-lo”, deve contar-se aí e não ter outra função senão a da falta, “função da falta” (menos-um). Uma elucidação ao pé de página pontua “É deslocar o cartel da lógica do todo, e da exceção de onde ele nasceu (nome do mais-um o indica), a do não todo (resposta a uma observação de Brigitte Lemerer)”.

Fecho com algumas questões. Como mais-um, me pergunto: a produção final é motivo suficiente para definir o cartel? Como realizar um dos objetivos do cartel que é que a Escola aprenda com ele? Escrever sobre o cartel seria produzir sobre os impasses e particularidades deste cartel? A referência a “expor a céu aberto” é unicamente relativa à produção?

*Membro da EBP e da AMP

Texto apresentado na VII Jornada de Cartéis da EBP-Santa Catarina, dezembro de 2012.

Versão revisada por Elaine Dal'Col da Silva

¹Lacan, J. "Ato de Fundação" (1964). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

²Miller, J.-A. Seminário “Política Lacaniana”

³Miller, J.-A. “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”. In: *O cartel - Conceito e funcionamento na Escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1994.

⁴Lacan, J. *Seminário 17: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

⁵Tarrab, M. “En el cartel se puede obtener un camello”. Disponível em:

http://www.wapol.org/es/las_escuelas/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=10&intEdicion=3&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=296&intIdiomaArticulo

⁶Lacan, J. Seminário 22: RSI. Inédito. Aula de 15 de abril de 1975.

⁷Miller, J.A. “El cartel en el mundo”. Intervenção na Jornadas de Cartéis da ECF, em 8 de outubro de 1994. In: *Manual de cartéis*. EBP-Minas Gerais. Belo Horizonte: Scriptum, 2010.

Que ótica para o autismo?

Mariana Zelis

Como pensar o autismo na clínica e na teoria psicanalítica? O autismo nos apresenta a problemática do Um, questão teórica que atravessa toda clínica e nos coloca na perspectiva das últimas elaborações de Lacan, nos convocando a uma clínica do real. O percurso desta pesquisa será pensar o autismo a partir de uma *ótica* possível, pensar o autismo como *Um Topos Lógico*. O *Um* onde habita o suposto sujeito autista, *Topos* construído num momento *Lógico* singular. Sujeito suposto devir pelo desejo do analista. Este trabalho encontra o ponto de partida na conferência de Éric Laurent “Sobre algunos problemas de superficie en la psicosis y en el autismo”, ditada em Bruxelas em 1981. Acompanharei este texto da conferência para articular o *Topos* lógico onde habita o

sujeito autista fazendo uso do esquema ótico e a topologia de superfícies como ferramentas que localizam a problemática no encontro com o Outro e conseqüentemente o lugar possível do analista na direção do tratamento.

Partimos da hipótese que o sujeito autista apresenta-se topologicamente como uma banda de Moebius, superfície com um lado só, sem exterior nem interior, superfície topologicamente sem buraco, sem furo e não orientável, sem imagem especular.

Na conferência citada, Laurent coloca uma pergunta eixo: sendo uma superfície topologicamente não furada, podemos falar de corpo, de buracos reais do corpo? Como o furo instala-se na banda de Moebius? Como os orifícios do corpo surgem num sujeito? Segundo Laurent, o buraco só pode aparecer pelo tampão. O corpo do sujeito autista encontra-se no início tamponado por um objeto tomado do Outro (não um objeto real), um objeto significante.

“Que es un objeto significante? Se puede discutir dado que parece que más bien Lacan apunta a oponer, por un lado, la estructura del objeto y, por otro, la estructura del significante”¹. E, referindo-se ao trabalho dos Lefort, salienta a perspectiva clínica de “volver a pegar estas dos partes con la idea de que el sujeto tal como está estructurado se presenta en el inicio sin agujero. Para que el agujero aparezca, hace falta primero un objeto para taponarlo, hace falta que la tira del disco aparezca y que en ese momento la superficie tipo cross-cap instale el agujero”².

Se só o corte pode revelar a estrutura do sujeito e do objeto, isto não acontece no autismo.

Voltando ao trabalho de Rosine Lefort no tratamento de Nadia, o analista encontra-se no lugar do Outro que oferece seu corpo para que a criança localize os buracos do Outro. Concretamente a criança toca na boca da analista, enfia-lhe os dedos na boca, percorre o contorno. Assim pode recortar esse buraco-boca e levá-lo a seu buraco. Começa a obturação da sua própria boca por seu dedo. Segundo Laurent, o dedo, que faz buraco na boca da analista, vai pegá-lo na sua boca. Buraco que tomou do outro e que pode tamponar seu próprio corpo, introdução do tampão e do buraco.

São os fenômenos de superfície e de colado de superfícies, entre corpo real e objeto.

A posição do analista seria a de orientar o tratamento para produzir furos ou bordas sob transferência.

A partir do esquema ótico, é possível pensar a problemática autista justamente na falha da articulação RSI, segundo Laurent nesta conferência; neste dispositivo, inscreve-se o que há de real no imaginário, entre $i(a)$ e a , o que há de imaginário no imaginário entre $i'(a)$ e $i(a)$, e o que há de simbólico no imaginário. A questão central é o que faz que o sujeito esteja relacionado ao ponto ideal e que este ponto ideal seja o limite simbólico do imaginário. Ou seja, este é o ponto de falha no autismo que resume a não constituição do narcisismo primário, a impossibilidade do corpo fragmentado identificar-se a uma imagem unificadora apaziguante, através do espelho no Outro da linguagem. Sem o simbólico que regula e organiza a possibilidade desta ilusão, ponto desde onde o sujeito é olhado, ponto ideal enquanto constelação de insígnias, a identificação primordial não se efetua. Quando esta função não opera, o imaginário e o real ficam como superfícies coladas ou contínuas. Sem imagem, os objetos são puramente reais como mostra o caso de um paciente de Kanner, chamado John, para quem "não há diferença entre os seres de duas dimensões na fotografia e os tridimensionais" quando ele via uma fotografia de um grupo de pessoas perguntava quando iam sair dali e entrar na sua casa³.

Sendo que o objeto a esta positivizado, o sujeito autista é o objeto, não há extração de objeto, por isto a direção do tratamento aponta a criar uma separação possível, uma hiância, uma descontinuidade “na sua inércia real de gozo”⁴.

Signo ou Significante?

É justamente este não corpo construído, a falta de narcisismo primário, o que orienta o uso da linguagem que o autista faz. Sabemos que se encontra na linguagem, mas não no

discurso, o uso da linguagem é na sua vertente de gozo, a alingua. Assim podemos pensar que o sujeito autista habita o UM. Mas isto nos permite falar de S_1 no autismo? De significante, mesmo que não articulável? Ou é o signo o UM do autismo? Retomando a pergunta sobre o objeto significante, proposta por Laurent, considero que uma articulação com o signo poderia ser pensada. Miller, em seu texto "Insignia", coloca esta questão:

"Siempre constituyó un problema entender por qué su texto Televisión habla del signo y no del significante. Hace retornar la categoría de signo, que parece antigua, como superior a la categoría de significante. Esta lógica permite entender que es necesaria una categoría más amplia que la del significante para distinguir, en el campo del lenguaje, lo que no es función de la palabra [...]. Tomar el signo en tanto tiene efectos de sentido gozado y efectúa una producción de goce, y, para distinguirlo, hay un termino en Lacan, la palabra "letra" denomina el signo en tanto que producción de goce"⁵.

Com o signo, a letra, falamos de efeitos de gozo sem Outro, haveria escrita de gozo. No autismo, esta escrita é feita em curto-circuito no corpo real, sem passar à pulsão pelo objeto contornando-o, sem corpo esburacado, sem zonas erógenas, o gozo invade e o encapsulamento autista seria a defesa perante o cifrado em bruto, o cifrado de um gozo maciço que invade esse corpo real.

O desafio é fazer surgir um S^1 que opere certo apagamento para deixar uma marca, uma borda no corpo, já marcado pelo significante, operando um corte, uma descontinuidade, modificando a superfície moebiana e possibilitando outra maneira de habitar a linguagem. Seria produzir um "buraco no funcionamento do simbólico"⁶, um possível nascimento a um Outro furado.

Texto apresentado nas Jornadas da EBP-Santa Catarina, em dezembro de 2012.

¹ Laurent, E. "Sobre algunos problemas de superficie en la psicosis y en el autismo", ditada em Bruxelas em 1981. In: *Hay un fin de análisis para niños*. Colección Diva, Buenos Aires: EOL, 1999, p. 98.

² Idem, ibidem. p. 99.

³ Tendlarz, S. E. Objeto e imagem em crianças autistas. In: Revista *A Clínica*, p. 48.

⁴ Idem, ibidem. p. 49.

⁵ Miller, J.-A. "Insignia". In: *Introducción al método psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós, 1997, p. 130 e131.

⁶ Sarmento, F. "O uso da topologia na clínica do autismo". In: *Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana*. EBP. Belo Horizonte: Scriptorum, 2012, p.190.

Notícias das Jornadas

XII Jornada de Cartéis da EBP-Delegação Paraná Setembro de 2012

Nos dias 14 e 15 de setembro de 2012, aconteceu a XII Jornada de Cartéis da Delegação Paraná da EBP, juntamente com a III Conversação Clínica. Ambos eventos tiveram como foco "O feminino", e contaram com a presença de Marcelo Veras (AME da EBP/AMP).

Foi uma Jornada rica, ensinante, apontando novamente a importância determinante do cartel para as Escolas de Lacan, e para a formação dos analistas.

Os oito trabalhos apresentados demonstraram em ato que o trabalho de cartel nos leva de fato à prática do estudo, da escrita e da conversação, possibilitando aos praticantes avanços em termos epistêmicos, clínicos e políticos, pois colabora com a produção de efeitos de ordem subjetiva, provocando uma nova posição dos cartelizantes em relação ao saber e em relação à própria psicanálise.

Apresentaram-se dois cartéis. O primeiro, orientado pela leitura do *Seminário 20: Mais, ainda*, teve como mais-um Cesar Skaf e compõe-se do seguinte modo:

“XX”- Tânia Verona; “Sobre a Pulsão e o feminino”- Sueli Maria Antunes Hadich; “Uma história Duas abordagens do gozo feminino”- Marcia Stival Onyszkiewicz; “E agora, José” - Valeria Beatriz Araujo.

O segundo cartel orientou-se pelos textos de Freud “Inibição, sintoma e angústia” e pelo *Seminário 10: A angústia*, de Lacan. Teve como mais-um Zelma Galesi, e foi assim composto: “O amante de Marguerite Duras”- Juliana Radaelli; “Considerações sobre a angústia na mulher”- Juliane Kravetz; “Ouro de tolo, ouro de todos”- Oneide Luiz Diedrich. Essa mesa contou também com a apresentação do trabalho “O mais-um do cartel e o menos-um da exceção”, de Nancy Greca de Oliveira Carneiro, produto de um cartel cujo tema foi “A função do mais-um na época do delírio generalizado”, que teve Blanca Musachi como mais-um.

De um modo geral, os trabalhos testemunharam mais especificamente a maneira como se formaram e, em seu conjunto, revelaram como um sujeito de trabalho se liberou em seu laço com a Orientação Lacaniana.

Pois, todas as temáticas focalizaram a atualidade das discussões na EBP ao dimensionarem o gozo, o amor, e o sexo no feminino, tendo como ponto de partida a diferença entre a histeria e a feminilidade, a partir do entendimento de que a lógica freudiana, ao submeter a sexualidade feminina ao regime da impotência fálica, gerou um impasse em que a própria psicanálise ficou refém até que Lacan pode subverter isto.

Outro ponto importante que foi tocado referiu-se à maneira em que o gozo não-todo, excessivo, é experimentado pelo ser falante, como *acontecimento de corpo* e ligado à castração.

“O feminino e a escrita” foi também uma das questões que fez parte das discussões e dos trabalhos dos dois cartéis, a partir especificamente da apresentação de dois trabalhos “O amante de Marguerite Duras” e “Uma história e duas abordagens do gozo feminino”, do romance *Uma Duas*, de Eliane Brum, e também do debate no conjunto com os demais trabalhos e a platéia. Estas discussões foram filmadas por Marcelo Veras e incluída no site do “Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico” que circunscreveu o XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.

Concluindo, não podemos deixar de reafirmar que toda a proposta de Lacan em relação ao cartel foi o de seguir a via da lógica do discurso analítico, o único que favorece e fortalece não o vínculo entre as pessoas, mas a “transferência ao trabalho”, ao fazer surgir a elaboração de um saber que é sempre novo para cada um dos participantes.

Zelma Galesi

Secretaria de Cartéis da Delegação Paraná da EBP

VII Jornadas de Cartéis da EBP-Santa Catarina Dezembro de 2012

Nos dias 30 de novembro e 01 de dezembro de 2012, a EBP-Santa Catarina realizou sua VII Jornada de Cartéis. Apresentaram-se os trabalhos de quatro cartéis - *Angústia*, *O tratamento da pulsão*, *Autismo*, *Política Lacaniana* - e, pela primeira vez na nossa Seção, em uma mesa que se organizou com essa finalidade, duas colegas, Silvia Espósito e Soraya Valerim, apresentaram as reflexões sobre suas experiências como mais-um, e outra colega, Louise Lhullier, apresentou sua reflexão sobre sua experiência como cartelizante. Esta mesa teve o nome de “Enunciação”.

Na presente edição de Dobradiça, apresentamos um dos trabalhos do cartel Autismo, o

de Mariana Zelis, “Que ótica para o autismo?”, e um dos trabalhos da mesa Enunciação, o de Silvia Espósito, “Mais-um”.

Oscar Reymondo
Diretor de Intercâmbio e Cartéis da EBP-Santa Catarina

Dobradiça - Boletim Eletrônico dos Cartéis da EBP. Número 06. Abril de 2012

Comissão Editorial: Ondina Machado (Diretora Secretária da EBP), Cristiana Pittella de Mattos, Elza Freitas, Heloisa Prado R. S. Telles (Coordenação), Marcia Zucchi, Paola Salinas.

4+1=EBP em cartéis: Responsabilidade das Diretorias de Intercâmbio e Cartéis das Seções e Coordenadores das Delegações.

Neste número, contamos com a colaboração da EBP-Santa Catarina

Imagem: *Um Cartel*, Gisèle Gonin, óleo sobre tela, 0,70 m x 1.40 m, 2011

Contato Comissão Editorial: helotelles@uol.com.br